

Faixas de isolamento

Isolation bands

Akira Guimarães



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3985>

DOI: 10.4000/pontourbe.3985

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Akira Guimarães, « Faixas de isolamento », *Ponto Urbe* [Online], 22 | 2018, posto online no dia 15 agosto 2018, consultado o 22 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3985> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3985>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Faixas de isolamento

Isolation bands

Akira Guimarães



Imagem 1: Faixa de isolamento. Autoria: Akira Guimarães.

- 1 As chamas estalavam no meio da rua, o corpo da bruxa e da “escória política” lentamente iam virando cinzas, eram bonecos de pano com a multidão envolta corporificando o ritual. Um jovem negro, entre 15 a 20 anos, vestindo calça preta, um moletom da GAP e de boné com a aba para trás, esticava o braço empunhando um crucifixo de aproximadamente um palmo em direção a estes pedaços chamuscados de corpos. Olhar fixo, boca apertada, a multidão em volta, por mais barulhenta que fosse, parecia não atrapalhar sua concentração. As faces impressas se descolavam como

máscaras dos bonecos na fogueira. “Queima essa corja!” Berros e urros de comemoração, sorrisos vitoriosos, megafone, o cheiro de queimado, as bafuradas quentes que vinham da fogueira, Pai Nosso e Hino Nacional entoados com o máximo de respeito, inclusive condenando aqueles do outro lado da faixa de segurança, que não congregavam com o mesmo ritual.

- 2 Ainda cedo e a caminho do SESC, devidamente vestidos com a orientação para que houvesse menor chance de nos associarem a possíveis grupos políticos, antagonistas ou simpatizantes das causas presentes no campo, encontramos-nos em uma esquina próxima ao McDonald's da região. No trajeto nos deparamos com um grupo de pessoas carecas, vestidas majoritariamente de preto, com casacos jeans, coturnos, alguns símbolos grudados em seus coletes jeans, rostos de olhares obtusos, testa franzida, passamos por eles antes mesmo do início do trabalho de campo, mas logo iríamos encontrá-los novamente. Dito isto, entendo que o campo começa também antes dele mesmo, uma vez que a separação circunstancial da sua relação com as vidas dos atores ali presentes e a vida do tempo e da cidade ali recortados, também sejam inseparáveis de seus passados e seus entrelaçamentos geográficos e temporais.
- 3 As pessoas eram mais heterogêneas do que a primeira impressão mostrava, havia poucas no local, menos de 100, em sua maioria desgostosas com a vinda da teórica para o Brasil. Algum tempo depois, começaram a chegar seus antagonistas, pessoas unidas em um movimento anti-anti-Butler. Ao chegarmos em frente ao Sesc, por volta das 10h00, avistamos um grupo de pessoas com megafone, figuras com roupas de aspectos bem diferentes, desde jovens estudantes até figuras de barba grisalha. Um grupo de roupa social, camisa social branca ou azul clara, umas pessoas inclusive vestindo terno, ainda entre eles havia alguns vestindo boina verde escura, quase cinza. Outro grupo de mulheres bem maquiadas, com rímel, base, corretivo e batons de tons claros, derretendo em um sol de uma primavera que mais lembrava o verão de tão quente. Outros homens apenas de camisa polo e calça jeans, cabelos curtos e sem barba. O que achávamos que seria mais ou menos homogêneo se revelava bem diverso, mas em uma união feita principalmente por um inimigo comum, a “ideologia de gênero” sic “proposta pela” Judith Butler.
- 4 Para uma melhor perspectiva de como a geografia e a disposição do espaço influenciavam também a dinâmica de grupos, descrever um pouco do lugar da manifestação se faz necessário. A entrada do SESC está em uma rua larga, onde cabem três faixas de carros. Pela manhã, apenas a calçada em frente ao SESC estava ocupada. Contudo, a medida em que o tempo passava outros grupos chegavam, inclusive policiais e repórteres, o que logo resultou na interdição de todas as faixas em frente ao SESC.
- 5 Mais do que uma faixa de isolamento, a polícia criou três áreas: anti-butlers; policiais e “imprensa”; pró-butlers.
- 6 O portão do SESC dividia as manifestações, de frente para o portão, à esquerda havia os opositores a vinda da Butler para o Brasil. De um lado, os apoiadores que vieram praticamente como uma contra-manifestação ou uma manifestação que surgiu justamente como uma resposta das manifestações anti-Butler. Em meio às entrevistas e as conversas informais, um entrevistado jovem, de 16 anos, após eu terminar a entrevista, pergunta-me “você apoia [politicamente] quem?”, afinal era um dos temas do questionário. Acho que esse “você” era uma marca paradoxal, por um lado nosso *dress code* não nos revelava politicamente, partidariamente, o que era nossa intenção inicial, contudo o “você” também revelava que nós éramos uns “estranhos”.

O convite aos pesquisadores de campo, incluía uma instrução para que não viéssemos de azul, rosa, verde, amarelo, vermelho ou preto. Basicamente para não demonstrarmos alinhamento com os grupos políticos, anti-butlers majoritariamente de azul e rosa, enquanto havia sim pessoas vestidas de preto curiosamente vestidas de verde do lado dos apoiadores da Butler, mas o verde aqui era marca da torcida do Palmeiras. Contudo duas vezes, em meio a aplicação de entrevista estruturada, uma senhora vestida de rosa, lápis nos olhos claros, de rugas quase imperceptíveis e uma faixa rosa amarrando os cabelos loiros e cacheados passava dizendo a quem me concedia entrevista “cuidado com o que você fala, cuidado que você não sabe quem são eles”. Que lugar imaginário era esse que nos haviam colocado? Para o rapaz, uma incógnita, talvez com desconfiança, mas para essa segunda mulher, éramos uma ameaça a se ter cautela.

- 7 No começo, aquele grupo de pessoas de roupa social, levantando placas, com o rosto e uma faixa que parecia faixa presidencial -, outras placas com seus dizeres em direção aos carros que passavam na rua com “buzine se é contra a ideologia de gênero”. Após algumas entrevistas, aquelas pessoas se revelavam apoiadores daquela pessoa do cartaz. Eu pedi para entrevistar algumas, elas desviavam me encaminhando para outro sujeito, aparentemente um coordenador da imagem pública do grupo, um senhor de voz calma, meio calvo, óculos sem armação, aliança no dedo. Apesar de estar receoso com onde seria publicado aqueles dados, logo que lhe falo sobre anonimato me responde o questionário sem muita resistência, às vezes, precavido e oscilante em algumas perguntas, mas com uma voz pausada e de baixo tom, sendo recebida por mim como algo calmo e simpático.
- 8 Havia mães com filhas. Na relação entre pais e filhos, havia uma socialização da norma de vestimenta que marcava a posição de gênero das pessoas anti-Butler, mulheres e meninas foram orientadas a usar rosa bem como homens e meninos também foram orientados a usarem azul. Mesmo se você tivesse se esquecido de se vestir corretamente, uma faixa com a cor certa era lhe oferecida para amarrar no braço caso quisesse apoiar a causa.

AUTOR

AKIRA GUIMARÃES

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É pesquisador do Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual na FESPSP.